

# Malabarismo psicanalítico: arte e técnica na análise de uma criança autista<sup>1</sup>

Diva Aparecida Cilurzo Neto<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar um recorte da complexa análise de crianças, chamada de “psicanálise de criança”, que envolve técnica e até mesmo a destreza de um malabarista. Com vistas a exemplificar esse percurso analítico, será narrada a vivência clínica com um *infans* com atraso no desenvolvimento e sinais de transtorno do espectro autista. Para maior esclarecimento do processo vivido no atendimento, serão feitos inicialmente alguns aportes teóricos, para posteriormente fazer um mergulho tridimensional no caso clínico. Durante o decurso deste relato, serão veiculados momentos intensos em que a função simbolizante encontrou no setting um campo físico e psíquico profícuo para se desenvolver. A subjetivação e a intersubjetivação foram elementos de busca durante todo o processo, contudo, sem com isso perder o respeito à condição e ao ritmo infantil.

**Palavras-chave:** Autismo psicogênico. Função simbolizante. Intersubjetivação. Subjetivação. Transtorno do espectro autista.

*“Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar.”*  
(Cora Coralina 1889-1985)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo realizada no dia 28 de agosto de 2021.

<sup>2</sup> Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

## 1. Introdução

A psicanálise, de acordo com Freud (1923/1996), é um método de investigação e de compreensão dos processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo (p. 253). A técnica e o manejo psicanalítico se atêm a conteúdos psíquicos subjetivos e intersubjetivos reprimidos, suas transformações e seus reflexos na vida do indivíduo. Seu objetivo, como nos ilustra Golse (2013) é auxiliar, seja uma criança, adulto ou adolescente a entrar em contato com seu mundo interno, a constituir-se de maneira progressiva, para ajudá-lo a dar forma e significado a sua vida, e com isso propiciar condições de superar suas próprias barreiras emocionais (p. 64).

A técnica malabarística advém da antiguidade e subentende a propriedade da destreza e da agilidade no equilíbrio dos objetos. Ao usar o termo “Malabarismo psicanalítico” para nomear este estudo, refiro-me ao exercício preciso, delicado e tenaz que a psicanálise propõe. Um trabalho que, conceitualmente, muitas vezes se assemelha ao ofício de um malabarista, ou seja, um ofício de arte no qual o foco é a habilidade para acolher e transformar situações complexas, atribuladas e trabalhosas.

No caso do processo psicanalítico, o malabarismo se dá na dupla analista-analisando; as bolas, os malabares e as tochas de fogo são de origem emocional, precisando ser manejados com técnica, habilidade e esmero para tentar evitar ou conter uma catástrofe emocional. Como nos fala Lisondo:

O analista com “*equilíbrio*” constrói o objeto analítico, sempre dinâmico, em movimento fugidio. A psicanálise é arte exercitada com o “O” do analista, sua alma, por isto, poesia. Em cada sessão, na experiência emocional, o analista monitora as próprias emoções, afina a escuta analítica, amplifica a observação, exercita sua intuição, disponibiliza seu sonho ALPHA, oferece figurabilidade, rastreando o sentido, ou seja, constrói a conjunção constante, escolhe o fato selecionado, realiza a aposta passional, libidinal e modula o caos. (2021, p. 1)

Quando nos remetemos à psicanálise com criança, estamos nos referindo a uma condição ainda mais delicada e singular. A partir desse cenário clínico particular buscamos compreender as fantasias, as emoções, os sentimentos e as ansiedades da criança por meio de seu brincar. Entretanto, não é somente com o sofrimento emocional da criança que nos defrontamos; entramos em contato com o material psíquico da família, abrindo também uma escuta para suas fantasias, ansiedades e angústias, aproximando-nos de conteúdos intergeracionais e transgeracionais.

Como esclarece Kaës (1993/2001), as heranças intergeracionais e transgeracionais existem no âmago do psiquismo parental. De natureza oposta, trazem em suas bagagens o dualismo pulsional, ou seja, Eros e Thanatos. O material intergeracional tem em seu estandarte a pulsão de vida. É portador de afetos, fantasias e acolhimento nas relações objetais, traz reorganização e continência. Já o legado transgeracional, traz ao funcionamento mental a desorganização, a autodestruição, o teor mortífero e patologizante (pp. 27-32). É com todos esses malabares emocionais infantis e familiares que o psicanalista de crianças deve se defrontar, usando, para isso, sua equipagem clínica/teórica.

O presente texto tem como objetivo apresentar um recorte deste processo complexo, e muitas vezes turbulento, que é a psicanálise de criança, e que envolve técnica e até mesmo a destreza de um malabarista. Para isso será narrada a vivência da dupla analítica durante o período de dois anos e meio, na frequência de três sessões semanais com a criança, sendo que, quinzenalmente, havia uma sessão com os pais e/ou familiares. Como protagonista teremos um *infans* que apresenta significativo atraso no desenvolvimento, com sinais de transtorno do desenvolvimento neuro psicoemocional com comprometimentos dentro do espectro autista.

Ao longo deste relato, serão descritos momentos psicanalíticos intensos. Para elucidar o processo vivido no atendimento, inicialmente, serão expostos alguns aportes teóricos, para posteriormente fazer um mergulho tridimensional no caso clínico.

## 2. Transtorno do Espectro Autista

O autismo tem sido alvo de estudos científicos nos últimos 80 anos. Da descrição de Kanner e de Asperger, na década de 40, até os dias de hoje muito se somou à conceituação e à compreensão do autismo.

Titulado e descrito pelo DSM<sup>3</sup> em 2013, como Transtorno do Espectro Autístico, o TEA passa a englobar outros transtornos e a ser compreendido como “um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado pela impossibilidade de alcançar os marcos do desenvolvimento esperado” (DSM-5, 2012/2013, pp. 50-51).

De etiologia inespecífica e incognoscível, muitas vezes ligada às primeiras relações subjetivas do bebê, o TEA revela uma falência sistêmica de elementos

---

<sup>3</sup> DSM – Diagnostic and statistical manual of mental disorders – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (American Psychiatric Association).

neurais, orgânicos, comportamentais e psicológicos e traz em seu bojo diversos déficits e restrições. Dentre as perturbações funcionais específicas do quadro encontram-se: distúrbios de linguagem caracterizados quer pelo atraso quer pela limitação total ou parcial do espaço dialógico promovido pela fala e pela interação social, assim como déficits nos comportamentos comunicativos não verbais. Observa-se, ainda, dificuldade para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, padrões restritos e repetitivos de comportamento, hipo e hiper-reatividades a estímulos sensoriais e alterações neuronais.

Em relação às condições emocionais dessas crianças, Fonseca nos esclarece:

São crianças que privilegiam a sensorialidade em detrimento da (inter)subjetividade e evitam o que lhes parece imprevisível. Tais sintomas parecem estar ligados à intensa rejeição à alteridade, que se manifesta seja por mecanismos de suspensão da consciência do outro, seja por manobras confusionais. (2010, p. 549)

Em suma, deparamo-nos com uma criança interrompida, desamparada psiquicamente, vivendo assolada por angústias arcaicas, presa à clausura psíquica dolorosa na qual o ego não pode se constituir como unidade nem tampouco apropriar-se do seu funcionamento psíquico ou subjetivar-se.

### 3. Transtornos autísticos à luz da psicanálise

Os transtornos autísticos são alvos de estudo da psicanálise desde o ano de 1950. Foi a partir da exploração clínica e teórica dos estados primitivos da mente que alguns psicanalistas como Winnicott, Mahler, Bick, Meltzer, Bion, Tustin, entre outros, começaram a fazer descobertas sobre o desencadeamento da psicose na infância e do autismo psicogênico, como será explanado a seguir.

Winnicott (1952/2000), um dos primeiros estudiosos a se deter na marcha do desenvolvimento emocional, demonstra que as bases da saúde mental são lançadas desde seu nascimento. Para o autor, por meio dos bons cuidados maternos, o bebê terá a possibilidade de integrar-se psíquica e corporalmente, apossando-se de seu *self*. Contudo, uma fenda nesse processo, seja por uma falha ambiental importante, seja por uma perturbação no senso primitivo do bebê, poderá causar um estancamento evolutivo psíquico e uma perda na sensação de 'Ser', lesando todo o desenvolvimento psíquico da criança, podendo inclusive desencadear um quadro psicótico infantil ou ainda um autismo psicogênico.

Mahler (1958/1989), como uma das pioneiras nesse estudo, dá início às descobertas clínicas e teóricas, estabelecendo a diferenciação entre as configurações psíquicas autísticas, pré-simbóticas e simbióticas 'normais'. Em

síntese, a autora esmiúça os estádios responsáveis pela estruturação do ego e, conseqüentemente, pela conquista da identidade e das condições psíquicas patológicas da síndrome psicótico-simbiótica e do autismo.

Bick (1968/1991), anos depois, por meio de seu trabalho com observação de bebês, apercebe-se que a criança ao nascer não tem o *self* integrado. As partes de sua personalidade estão fragmentadas, necessitando da continência materna para lhe dar suporte e ferramentas para a integração do ego nascente. A esse processo integrativo a autora nomeará de ‘formação da pele psíquica’, pois dará ao bebê contorno, proteção e integralização psíquica. Contudo, Bick nos alerta para os riscos desse decurso: falhas na ‘formação da pele psíquica’ danificariam o psiquismo, desencadeando a formação de uma ‘segunda pele’, socorrista, porém sem o caráter integrador e confiável da primeira.

Bion, entre as décadas de 1960 e 1970, apresenta o conceito de *rêverie* materno como elemento fundamental para o desenvolvimento do aparelho psíquico da criança (1962/1991, p. 60). Anos mais tarde, o autor reforça a importância da figura acolhedora e pensante da mãe nos momentos primeiros na vida do bebê, destacando a existência dos protopensamentos, das angústias talâmicas e subtalâmicas nos primeiros tempos do bebê (Bion, 1977/1992, p. 90). Em 1992, Bion expande seus estudos e adverte para os danos provocados no psiquismo infantil por falhas no *rêverie* materno. Vivências catastróficas e de terror sem nome assolarão a vida psíquica do bebê; ele não terá condições de transformá-las, uma vez que sua função alfa não foi desenvolvida por meio dos cuidados maternos. O bebê terá o fenômeno psíquico denominado “tropismo”, ou seja, “*a matriz da qual brota toda a vida mental*” (Bion, 1992/2000, p. 47) será lesada, resultando na paralisação da reação de afastamento e aproximação do organismo com relação à fonte de estímulo, boicotando com isso a formação dos vínculos K, L, H (conhecimento, amor e ódio).

Meltzer (1975/1984, 1975/1986), na década de 1980, já um estudioso do autismo, desenvolve a teoria do dismantelamento psíquico, da desmentalização e da unidimensionalidade e bidimensionalidade psíquicas vividas por crianças autistas. Define um tipo de identificação peculiar, a ‘identificação adesiva’, como forma de as crianças portadoras desse transtorno estabelecerem um esboço de contato. Entre suas hipóteses está a conjuminância da hipersensibilidade de algumas crianças com a depressão materna, e como essas crianças destruiriam seu próprio ego a fim de não prejudicar sua mãe deprimida, “*construindo assim um autismo*”.

Tustin, a partir de 1966, dá início a um novo entendimento do autismo. Enquanto analista, apreende o transtorno autista como uma reação à experiência de descontinuidade mãe-bebê, na qual a criança vive a sensação de

ser arrancada do mamilo materno, deixando na sua boca/mente o assombro da inexistência, um “buraco negro” (1987/1990a, p. 57). Na busca de uma terapêutica, a autora recorre à interpretação das ‘figuras de sensações’, isto é, ela começa a encontrar significado nas ações sonoras e gestuais das crianças autistas (Tustin, 1987/1990c, p. 131). Além das inovações técnicas, a autora apresenta contribuições teóricas acerca do encapsulamento autogerado pela mente dessas crianças, ou seja, a ‘concha’ ou ‘*casarón* autista’, assim como detecta a utilização dos objetos e das formas autísticas como elementos asseguradores para crianças com este funcionamento (1987/1990b).

A partir de tantos estudos surge uma nova compreensão dos transtornos autísticos, na qual se evidencia um psiquismo em que não há uma representação simbólica do *self*, do objeto ou da relação entre eles; “não há acesso à subjetividade e à intersubjetividade, ou seja, à diferenciação que permite à criança reconhecer a existência de si e do outro” (Golse, 2005/2008, p. 44).

Será dessa criança sensível, encapsulada, presa a uni e a bidimensionalidades no pensar e no agir, assolada por angústias arcaicas insuportáveis em busca de um continente para seu ego fragmentado que discorrerei a seguir. O setting analítico será um suporte para o setting psíquico da dupla, no qual se dará a busca pela integração do *self*, pela comunicação psíquica e pela representação simbólica. Falarei de Gael, um menino em busca de subjetivação e intersubjetivação.

#### 4. A família e suas heranças

Um processo! Esse é um bom nome para dar para a vivência que tive com Gael<sup>4</sup>, meu jovem paciente (atualmente com cinco anos), cuja família, muito aflita, me procurou há cerca de dois anos e meio, mediante os novos comportamentos que a criança estava manifestando. De acordo com os pais, Gael havia sido um bebê responsivo, alegre e brincalhão até os dois anos, quando começou a apresentar dificuldade de socialização, principalmente com crianças da mesma idade, involução da linguagem já adquirida e não aceitação do desfralde.

Por intermédio do relato dos pais, percebo o sofrimento do casal. Eles estavam aterrorizados com a possibilidade de Gael ser autista. Havia alguns casos de transtornos e de síndromes congênitas na família e eles temiam a reincidência em Gael. Não havia sido fácil para eles trazerem suas angústias, suas ambivalências, seus medos para uma analista. Embora estivessem conscientes da necessidade de ajuda, isso implicava lidar com suas feridas narcísicas e com seu legado intergeracional e transgeracional.

<sup>4</sup> Todos os nomes usados neste relatório são fictícios para preservar a identidade da criança e dos familiares.

Mediante o apresentado, proponho fazer algumas sessões com a família. As sessões seriam realizadas na sala de análise na frequência de duas vezes por semana. O casal concorda e começamos uma sequência de contatos psicanalíticos.

#### Primeira sessão com a família

Chego na sala de espera. Os pais estão sentados e Gael está no colo da mãe. Seu olhar está solto, como em um devaneio. Ele ri e chora ao mesmo tempo. Com uma de suas mãozinhas enrola o cabelo da mãe e com a outra tamborila os dedos no ar. Vou até eles e os convido para entrar na sala de análise.

Já na sala, Gael olha para mim, sai do colo da mãe e começa a andar livremente. No chão e sobre a mesa temos alguns brinquedos. Gael os observa, às vezes se aproxima e os toca com seu dedinho, mas não se detém em nenhum, voltando a andar pela sala rindo e mexendo as mãozinhas como *flaps*.

Nesse momento, olho para Gael, que parece ‘levitar’ pelo ambiente. Um pictograma afetivo<sup>5</sup> se forma em minha mente. Uma pipa solta ao sabor do vento, sem um fio assegurado ou um condutor para evitar que ela se perca ou se desmantele com o vento.

De tempos em tempos, Gael aproxima-se à mãe, esfrega seu rosto nela, mexe no cabelo dela, falando: “*Babi*” (iniciais do nome da mãe). Após cada aperto, volta a andar pela sala a arremessar, emitindo um som gutural, como um ritual de asseguramento.

Ao perceber a necessidade de Gael de certificar-se da presença da mãe, mas ao mesmo tempo de se aderir a ela, afirmo: “*Gael, quer sempre ter certeza de que a mamãe Babi está pertinho, cuidando dele!*”

Gael olha para mim e sorri, continuando suas andanças pela sala. Durante seus passeios, a mãe fala sobre as mudanças que aconteceram com o filho desde que ele completou dois anos: “*De repente, ele foi se encolhendo. Não queria falar ou brincar com as outras crianças. A babá tinha saído um pouco antes de tudo isso começar e eu fiquei sozinha, sem saber o que fazer... Ela era muito paciente. Brincava com ele. Quando ele chorava, ela o acalmava. Ele a adorava! Acho que nós dois ficamos perdidos quando ela saiu.*”

Com o propósito de compreender mais sobre a relação de Gael com sua babá, peço para que o casal me fale um pouco mais sobre ela. A mãe dá continuidade ao seu relato dizendo: “*Ela entrou logo que ele nasceu. Eu tive um parto difícil,*

---

<sup>5</sup> “O termo pictograma é definido no dicionário de Paul Robert (1984) como tradução de ideia em cenas figurativas e simbólicas. Usamos o pictograma afetivo de um modo semelhante, mas não idêntico para nos referir a uma forma muito inicial de representação mental de experiências emocionais, fruto da função alfa, que cria símbolos, por meio de figurações, para o pensamento onírico, como base e o primeiro passo para os processos de pensamento. . . . Frequentemente esses pictogramas afetivos são evocados na mente do analista via identificação projetiva durante a rêverie. . . .” (Barros, 2017, p. 40).

*fiquei na UTI vários dias e depois tive uma depressão pós-parto muito forte. Ela cuidou dele e de mim. Quando melhorei um pouco, voltei ao trabalho e ela continuou cuidando de tudo. Quando Gael tinha um ano e pouco ela engravidou. Ela já estava quase na hora de ter o bebê, quando eu achei melhor ela sair. Eu não falei nada para o Gael, ela simplesmente não veio mais. Ele não perguntou e eu achei que estava tudo bem.”*

Dando continuidade à fala da mãe, o pai com os olhos marejados, abraçado ao menino afirma: *“Não está sendo fácil. Babi tem pavor que ele seja autista, mas eu já disse, ele é nosso filho, autista ou não. Estamos aqui para ajudá-lo. Quero que ele seja feliz e que se desenvolva na medida das possibilidades dele”*. Gael se enrosca no pai e continua a rir e cantarolar. A mãe chora e o menino corre para ela, como que para consolá-la.

Ao ouvir esse relato, penso na dor profunda do menino e na sensação de desamparo que ele sofreu. A Gael não foi dada a possibilidade de construir sua própria narrativa de despedida, um grande vazio ocupou o lugar dos vínculos K, L, H. Reflito sobre o custo emocional da explicação não dada, da palavra não dita e do luto que ele não pôde viver e sobreviver. Intuo que o encontro psíquico primevo mãe-bebê tinha sido maculado por condições físicas e psíquicas da mãe, impedindo a formação de um estado fusional harmonioso, deixando o bebê em suas primeiras vivências à mercê de fantasias de terror, de aniquilamento e de desamparo.

## **5. Iniciando a jornada – dimensões inconscientes de difícil acesso**

Após o período de entrevistas familiares, nosso trabalho analítico tem início. A turbulência e a violência física e psíquica fizeram parte dos nossos encontros por longo tempo. Entretanto, paulatinamente, o choro e a desconfiança vão dando lugar a uma sutil familiaridade com a analista.

O clima de nossas sessões era oscilante. Em alguns dias, Gael interagia alegremente comigo e com os brinquedos, emitindo alguns pedaços de palavras. Nesses dias, meu analisando parecia mais integrado, conseguia lidar melhor com o tempo, com a espera e com as frustrações que surgiam ao longo das brincadeiras. Mais atento e responsivo, parecia estar resgatando sua intersubjetividade primária e potencializando-a.

Como nos fala Golse (2020),

Com o termo intersubjetividade designamos a vivência profunda que nos faz sentir que nós mesmos e o outro, somos dois. O acesso à intersubjetividade é uma das principais tarefas de desenvolvimento que o bebê enfrenta desde o nascimento, ao lado da tarefa

de autoconservação, de apego e de regulação do prazer e do desprazer... [Este processo se inicia] a partir de uma indiferenciação inicial absoluta, a intersubjetividade primária evoluindo até a intersubjetividade secundária. (p. 66)

Contudo, em outras sessões, meu analisando estava vulnerável como um bebê em desamparo. Desorganizado física e psiquicamente, liquefazia-se em uma massa amorfa espalhada no chão. Tal condição surgia normalmente após alguma situação de estresse na escola ou em casa, crise nervosa da mãe, viagem do pai ou, ainda, mediante a vivência de alguma frustração com um brinquedo. Nessas horas, revelava sua dor por meio do urinar e/ou evacuar na sala ou ainda entrava em uma crise clônica, que iniciava com um vagido que se transformava em gritos desesperados. Gael se jogava no chão, batendo sua cabeça no piso ou na parede. Em seu desespero tentava me agredir, exigindo de mim contenção, os limites e uma firmeza carinhosa da função paterna, como veremos na sessão relatada abaixo.

#### Sexto mês de análise

Estamos há seis meses trabalhando. Gael começa a se interessar e a explorar o interior dos objetos. Seu esquema corporal parece ter encontros fugazes com sua imagem corporal. Meu analisando se surpreende com seus movimentos e, como um bebê, começa a perceber as partes de seu corpo. Ele se encanta com a experiência de ter pares, par de olhos, par de pés, par de mãos... Como nos diz Dolto (1984/2007), “começava a haver uma solidariedade entre o esquema corporal e o sujeito” (p. 14).

Alguns desejos começam a ser manifestados por meio de esboços de palavras, movimentos corporais e verbais. Na sala de análise, seus brinquedos preferidos são o caminhão de bombeiros e a ambulância, os quais Gael explora detalhadamente, penetrando seu dedo em cada orifício. Atenta à escolha desse tipo de veículos como brinquedo, pondero se meu analisando não estaria nos revelando seus ferimentos psíquicos e pedindo ajuda.

Ao pensar sobre a possibilidade de “reconstrução de um tecido psíquico esgarçado por uma situação traumática”, como elucidada Silva (2013/2019, p. 41), tento encontrar uma forma de comunicação psíquica. Para tanto, me aproximo mais de Gael, sento-me no chão ao seu lado, e digo: “*Você parece estar procurando alguma coisa ou alguém, Gael! Não está sendo fácil, não é? Podemos tentar encontrar juntos!*”

Como que incomodado com minha fala, meu analisando abandona os carrinhos e vai no sentido oposto, na direção de um jogo de chá com que ele brinca quase todas as sessões. Explora cada xícara, seus pires e o bule, sempre

passando o dedo dentro deles. Seu interesse pelo espaço contido dentro dos objetos me faz pensar em um caminhar em direção a tridimensionalidade.

O brincar continua. Gael pega alguns alimentos plásticos e os põe no prato; olha demoradamente para eles e, como que irritado, grita e os atira em mim. Sentado no chão, ele começa a chorar. Rapidamente o choro se transforma em uma crise nervosa: ele se bate e tenta me bater também.

Penso que nesse momento, para meu analisando, não existe o objeto externo Diva. Gael bate em mim e nele como algo único. De forma bastante primitiva, Gael me introjeta como uma massa amorfa e indiferenciada. Configurou-se uma equação simbólica que precisa ser desfeita. Firmemente o contendo, segurando suas mãos e seus pés, dizendo: *“Gael, você não vai bater na Diva. Nós podemos conversar; para isso existem as palavras. Eu posso te ouvir e te compreender. Eu estou aqui com você. Você não está sozinho”*.

Meu jovem analisando ainda não consegue perceber que as palavras podem ser boas representantes de nossas ideias. Isso é difícil para ele; sua capacidade de simbolização ainda é precária. Após dez ou quinze minutos de ‘luta’, Gael vai se acalmando. Ainda chorando vem para o meu colo, pega uma mecha do meu cabelo e enrola com seus dedos, entrelaçando os fios em seus dedos. Pergunto-me: estaria Gael buscando o cordão umbilical da analista nutridora? Gael se enrosca em mim como um bebê/feto. Percebendo seu sofrimento e fragilidade, acolho-o como uma bolsa amniótica.

#### Um ano e meio de análise

Estamos há um ano e meio trabalhando. Gael está mais independente, curioso e desejoso, apresentando sinais de apropriação da representação simbólica.

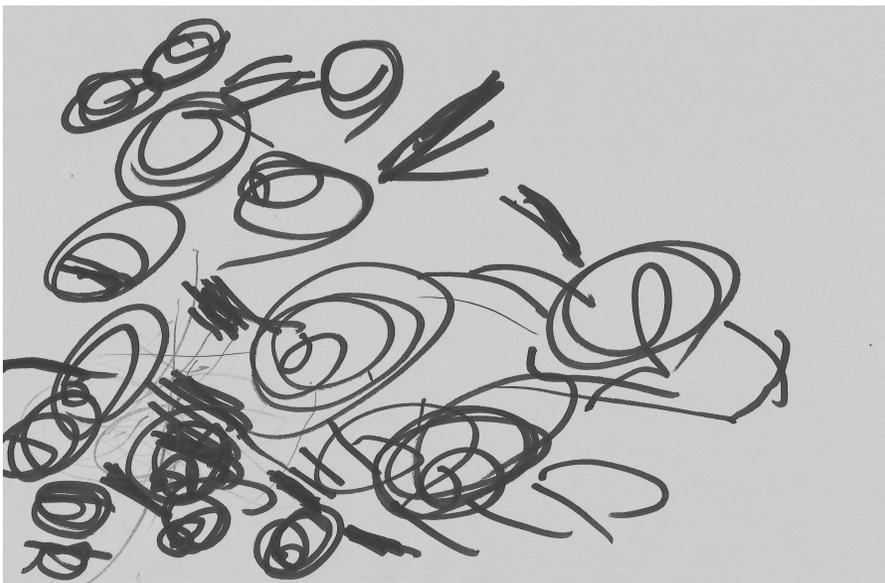
A função simbólica ou simbolizante tem um caráter progressivo e complexo. O desenvolvimento da capacidade de simbolização está intimamente ligado aos vínculos primários. Enquanto faculdade, ela não é autogeradora ou autônoma, ela é fruto de um intercâmbio primevo entre o mundo interno da criança e o ambiente externo. Para Roussillon (1977/2015), a função simbolizante tem início na presença do objeto externo. Entretanto, para simbolizar é necessário fazer luto deste objeto, para poder representá-lo, materializá-lo psicicamente (pp. 257-259).

Considerada uma função subjetiva e subjetivante, a capacidade simbólica é a responsável pela transformação da representação de coisa em representação de palavra. Entretanto, se em algum estágio deste processo dialético houver fraturas significativas capazes de desencadear um excesso de excitação insuportável para a criança, poderá haver uma interrupção da função simbolizante trazendo danos traumáticos graves à identidade do sujeito.

### Como nos alude Roussillon:

Todos temos sofrimentos narcisistas, mas no caso dos sofrimentos narcísico-identitários o impacto do sofrimento narcisista compromete, em um dado momento, o próprio sentimento de identidade do sujeito... Poderíamos dizer até mesmo que ameaça a possibilidade de SER do sujeito, de ser sujeito de sua vida. (2016/2017, p. 96)

Iniciamos mais uma sessão. Gael começa a se apropriar do traçado. Habitualmente, ao entrar olha para mim, pega em minha mão e diz: “*Degenhá!*” (desenhar). Deixo-me conduzir até a mesa, onde ele começa a fazer garatujas circulares.



Entendo que os círculos, espirais e traços emaranhados feitos por meu analisando são mais que um grafismo, são uma comunicação de um espaço psíquico caótico e sofrido. Penso no labirinto que abrigava o Minotauro (Brandão, 1987/2001). Intuo que aquela criança de alguma forma possa estar me mostrando seu labirinto psíquico e o terror do desmantelamento no qual vive.

Gael está mais silencioso. Após executar seu desenho, recorrentemente levanta-se da cadeira, aproxima-se de mim e roça seu corpo seguidamente em meu braço. Com seu dedo, enrola meu cabelo e o seu. Penso na matriz de fenômenos autísticos, muito sensual e repetitivo, de certa forma uma fuga da vida mental, como nos esclarece Meltzer (1975/1986, p. 48).

Em busca de uma aproximação psíquica, falo sobre como as coisas estão confusas dentro dele: *Está tudo enrolado aí dentro. Gael está tentando sair, mas está difícil. Às vezes ele se sente sem ar, sem saber como sair. Talvez possamos juntos pensar em um jeito de sair deste lugar*". Minha fala causa muita irritação em meu analisando. Acredito que de alguma forma atinjo pontos de dor. No entanto, dessa vez, não há crise de raiva e choro, nem a micção ou a evacuação no chão da sala, apenas silêncio.

Após minha fala, meu analisando se levanta, pega a ambulância e o carro de bombeiros e os coloca dentro da casa de boneca. Após alguns minutos, Gael para e pede para fazer xixi. Penso no esvaziamento de conteúdos psíquicos tóxicos que puderam ser expelidos, pois tinham encontrado um setting continente para poder acolher e transformar. Eu o acompanho até o banheiro. No caminho, ele olha para a mãe, e não a convoca, como em outras vezes.

Voltamos para a sala. Meu analisando se senta de costas para mim, retornando para seu mundo solitário, mas agora este parece insuficiente para ele. Lentamente, Gael se arrasta de costas e vem para o meu colo. Ele me olha e bem baixinho fala: "*Mamãe*". Juntos vamos pegando, nomeando e conversando com os bonecos. Mamãe, papai, nenê e menino, todos entram na brincadeira até o final da sessão.

Na sala de espera, após a sessão, ele me olha e acena, dizendo e fazendo *tchau*. Anda um pouco, para e vem me abraçar. Embora tenhamos muito a caminhar, começa a surgir rudimentos de subjetividade e de intersubjetividade naquele menino. Como diz Trevarthen:

A subjetividade supõe que o bebê possa criar relações entre os objetos, as situações e ele mesmo, e que ele possa prever as consequências, isto sendo demonstrado por ações intangíveis e não simplesmente por um processo cognitivo inferido. (2017/2019, p. 32)

Dois anos e meio se passaram

Estamos trabalhando há dois anos e meio. Gael apresenta muita oscilação de humor durante a sessão ou entre elas. Se em um momento meu analisando apresenta sinais de compreensão, desejo e sentimentos, existem períodos nos quais surgem sinais de transtornos autísticos severos.

Estamos na última sessão do ano. Gael chega, pega minha mão e, dizendo "*binquedo... binquedo...*", me leva para a sala de análise. Ao entrar na sala, imediatamente pega a casinha de boneca. Ele está totalmente absorto no seu brincar. Cantarola e balbúcia de forma muito particular. Passado algum tempo, meu analisando parece se irritar e joga toda a mobília e os bonecos da família para traz com violência. Na sequência, vem para o meu colo chorando, porém fica de costas para mim.

Reflico sobre o resgate dos objetos de afeto e o sofrimento que isso pode representar. Pego os personagens familiares e vou falando com o papai e a mamãe o quanto Gael está bravo com eles. Falo da bebê chorona que chegou e está no berço e do menino que gosta de assistir “Mundo Bitá” e o desenho “Masha e o Urso” na televisão.

Gael parece acompanhar a brincadeira com atenção. Pensando assim, afirmo: *“Quem é esse menino que está de costas para mim? Será que ele está bravo comigo? Como ele se chama?”*

Pela primeira vez aquele menino me responde: *“Aiel”* (Gael).

Ao ouvir meu analisando nomear-se me emociono. Gael havia recebido um nome ao nascer, mas não tinha podido se apropriar dele ainda. Um nome, um sujeito, uma rede de parentesco, um símbolo que delineia um sujeito – sujeito que Gael começava a reconhecer como sendo ele.

Ainda impactada digo: *“Gael, olhe o nome que está escrito nesta caixa: Gael! Esta caixa é sua. Que bom que achei o dono da caixa!”*

Meu analisando olha para a etiqueta colada na caixa onde guarda seus brinquedos aparentando surpresa. Em seguida, volta sua atenção para dentro da caixa, pega a bola e a joga para mim. Sentados ou em pé, a bola agora era usada por sua função lúdica. Juntos, iniciamos um novo jogo. Há uma rede simbólica se constituindo e dando oportunidade para a subjetivação de Gael.

## **6. Comentários finais – Gael, um jovem príncipe sem reino**

A vivência psicanalítica com Gael, assim nomeado meu jovem analisando durante este relato clínico-teórico, reporta-me à história do Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry, publicada em 1943. Uma narrativa que, em sua essência, revela solidão, amor, desilusões e perdas.

Como o jovem príncipe da história, Gael me mostra por meio de suas emoções e reações seu planeta psíquico. Nele havia vulcões terroríficos e baobás poderosos e tirânicos, mas também havia uma amada interlocutora psíquica, a rosa, que ele preservava com desvelo. É nesse setting de ilusões, desilusões, medos e defesas que a história da dupla analítica caminha nos trazendo um retrato da existência psíquica de Gael.

Gael continua em atendimento. Ainda hoje revela grandes oscilações de humor. Tal movimentação, ora violenta ora frágil e desmantelada, desencadeava e ainda desencadeia muitas vezes angústias na analista, exigindo resiliência e respaldo técnico para dar sentido a tais atitudes, assim como um dispêndio de energia psíquica e física. Gael foi e é um menino que exige da analista grande ‘capacidade negativa’, ou seja, capacidade de suportar em meio à incerteza, ao mistério e à

dúvida, resistindo à dispersão, à ansiedade e à angústia do não saber enquanto o fato selecionado não se revela, como nos fala Bion (1963/2004, p. 35).

Doçura, impotência e desespero: sensações, emoções e sentimentos que permearam nosso trabalho. De maneira mais explícita posso dizer que, ainda hoje, Gael pode em uma sessão chorar compulsivamente, bater, chutar a si mesmo e a analista, mediante algum limite ou pequena mudança no setting e, em outra sessão, mostrar-se observador, desejante e disposto a uma brincadeira com alegria e doçura.

Gael oscila vertiginosamente entre o funcionamento psíquico autístico (leve, moderado, grave), no qual apresenta uma fragmentação egoica, ataques a qualquer tipo de vínculo e um desmantelamento da experiência consensual, e o movimento psíquico de uma criança sonhante que se permite brincar, demonstrando capacidade e desejo de estabelecer vínculos com a analista e com o mundo.

A psicanálise não é somente uma ciência ou uma técnica, ela é a arte do pensamento estético que se reinventa a cada sessão e a cada analisando. Por meio dela, o novo se mostra a cada instante, necessitando da analista reformulação constante, acolhimento e necessidade da existência de um discurso transferencial. Por meio do processo transferencial, afetos, terrores, angústias, ansiedades, sonhos mal sonhados, enfim, toda uma conjuntura de sofrimento vai sendo trazida para o setting analítico, buscando acolhimento. Isso obriga o analista a viver e a se reinventar a cada momento terapêutico para tentar dar um sentido e um movimento virtuoso aos conteúdos mais dolorosos e profundos de um ser humano.

O espectro autístico traz em seu estandarte marcas de diferentes incidentes nas estruturas primevas, que lesam a evolução das capacidades relacionais, emocionais, adaptativas e funcionais.

Como discorre Laznik (2016), usando o modelo de Lacan (18/12/1973) da “trança”:

Podemos pensar os avatares da vida do bebê autista a partir (do modelo de uma) trança, na qual o Real representado pelo organismo do bebê, o Simbólico pela ordem do mundo e o Imaginário sendo a possibilidade de ver o que ainda não está lá ou seja a ilusão antecipadora do psiquismo parental se entrelaçam constituindo o sujeito. . . Este modelo nos permitirá representar diversos acidentes que podem ocorrer no início da infância de um bebê, acidentes capazes de conceber diferentes estruturas representáveis por “erros” na trança e conseqüentemente no nó. (2016, p. 31)

Gael não havia constituído uma imagem corporal até então. Seu esquema corporal funcionava de forma autômata, desvinculado do seu potencial simbólico.

Por meio do trabalho analítico e de nossa relação intersubjetiva, busquei dar ferramentas para Gael dar forma psíquica para seu corpo e para sua vida.

### **Psychoanalytic Juggling: art and technique in the analysis of an autistic child**

**Abstract:** This paper aims at presenting an outline of a complex process, which deals with the technique and also the skills of a juggler, called “Child Psychoanalysis”. In order to illustrate this art work, the analytical experience with infants with developmental delay and signs of autism spectrum disorder will be reported. There will be theoretic comments and then a proper analysis on the clinical case. During this paper, it will also be reported intense moments in which the symbolizing function found in the setting a psychic and physical field place to develop. Subjectivity and intersubjectivity were elements of search throughout the process, however, without losing respect for the condition and the rhythm of children.

**Keywords:** Autism spectrum disorder. Intersubjectivity. Psychogenic autism. Subjectivity. Symbolizing function.

### **Referências**

American Psychiatric Association. (2012/2013). Transtorno do Espectro Autista. In M. I. C. Nascimento (Trad.), *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM-5*. (pp. 50-59). Porto Alegre: Artmed.

Barros, E. M. R., & Barros, E. L. R. (2017). Transformações das formas simbólicas em sonho. *Jornal de Psicanálise*, 50(93), 37-52.

Bick, E. (1991). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas (B. H. Mandelbaum, Trad.). In E. B. Spillius (Org.), *Melanie Klein hoje – Desenvolvimento da teoria e da técnica* (Vol. 1, pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)

Bion, W. R. (1991). Identificação projetiva e capacidade para pensar (P. D. Corrêa, Trad.). In *O aprender com a experiência* (Cap. 12, pp. 54-63). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)

Bion, W. R. (1992). Bion em Nova Iorque e em São Paulo – Segunda (P. C. Sandler, Trad.). In *Conversando com Bion* (pp. 88-104) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1977)

- Bion, W. R. (2000). Tropismos (P. C, Sandler, Trad.). In *Cogitações* (pp. 47-49). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2004). Capítulo 9 (J. Salomão, Trad., E. H. Sandler & P. C. Sandler, Rev.). In *Elementos de psicanálise* (2a ed., pp. 51-54). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Brandão, J. (2001). O mito de Teseu. In *Mitologia grega* (Vol. 3, parte 4, pp. 149-174), Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Dolto, F. (2007). Esquema corporal e imagem do corpo (N. Moritz & M. Levy, Trans.). In *A imagem inconsciente do corpo* (Cap. 1, pp. 1-48), São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original apresentado em 1984)
- Fonseca, V. R. J. M. R. (2010). Transtornos autísticos: A psicanálise e suas interfaces. *Revista de Psicanálise de SPPA*, 17(3), 547-575.
- Freud, S. (1996). Dois verbetes de enciclopédia – (A) Psicanálise (J. Salomão, Trad.). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 253-274), Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Golse, B. (2008). Os destinos do originário. *Psicologia Clínica*, 20(1), 43-56. (Trabalho original apresentado em 2005)
- Golse, B. (2013). Sobre lo que no podemos ceder. *Controversia en Psicoanálisis de Niños y Adolescentes*, 13, 61-67.
- Golse, B. (2020). Intersubjetividade – Entre psicanálise e cognição (SBPSP, Trad.). In J. Jung & F-D. Camps (Orgs.), *Psychopathologie et psychologie clinique: Perspectives contemporaines* (Cap. 4, pp. 65-75). Paris: Dunod.
- Kaës, R. (2001). O sujeito da herança (C. Berliner, Trad.). In R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez & J. J. Baranes, *A transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-24). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original apresentado em 1993)
- Laznik, M. C. (2016). Podemos pensar uma clínica do nó borromeu que diferencie psicose e autismo na criança? (E. P. Oliveira, I. Machado & M. L. Barros, Trans.). In M. C. Laznik, B. Touati & C. Bursztejn, *Distinção clínica entre autismo e psicose na infância* (pp. 27-55). São Paulo: Instituto Langage.

Lisondo, A. B. D. (agosto de 2021). *Comentários sobre o trabalho: “Malabarismo Psicanalítico, um ofício de arte na subjetivação de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. Gael, um menino em busca de compreensão e de ajuda”*. Reunião Científica Sociedade Brasileira de Psicanálise São Paulo.

Mahler, M. (1989). Autismo e simbiose: Duas graves perturbações de identidade (H. M. de Souza, Trad.). In *As psicoses infantis e outros estudos* (3ª ed., pp. 41-51). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado 1958)

Meltzer, D. (1984). La dimensionalidad como un parámetro del funcionamiento mental: Su relación con la organización narcisista (S. O. Gordon, Trad.). In D. Meltzer, J. Bremner, S. Hoxter, D. Weddell & I. Wittenberg, *Exploración del autismo – Un estudio psicoanalítico* (pp. 197-209), Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1975)

Meltzer, D. (1986). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19(38), 40-52. (Trabalho original publicado em 1975)

Roussillon, R. (2015). A função simbolizante. *Jornal de Psicanálise*, 48(89), 257-286. (Trabalho original apresentado em 1977)

Roussillon, R. (2017). Núcleos melancólicos en el sufrimiento de la identidad narcisista. Trabalho apresentado na plenária do 31º Congresso da Federação Psicanalítica da América Latina – Fepal. In E. Rache & B. Tanis (Orgs.), *Roussillon na América Latina*. (Cap. 4, pp. 95-112), São Paulo: Blucher. (Trabalho original apresentado em 2016)

Silva, M. C. P. (2019). A função narrativa do analista: Invenção de um possível. *Livro Anual de Psicanálise*, 33, 41-58. (Trabalho original publicado em 2013)

Trevarthen, C., & Aitken, K. J. (2019). Subjetividade e intersubjetividade (E. Parlato-Oliveira, G. Araújo, M. C. Laznik, Trads.). In C. Trevarthen, K. J. Aitken & M. Gratier, *O bebê nosso professor* (pp. 31-40). São Paulo: Instituto Langage. (Trabalho original publicado em 2017)

Tustin, F. (1990a). Reflexões sobre o autismo psicogênico com especial referência a um ensaio de Melanie Klein (M. C. Monteiro, Trad.). In *Barreiras autistas em pacientes neuróticos* (pp. 45-58). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1987)

Tustin, F. (1990b). Objetos autistas (M. C. Monteiro, Trad.). In *Barreiras autistas em pacientes neuróticos* (pp. 85-97). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1987)

Tustin, F. (1990c). Formas associadas com surgimento de autismo psicogênico (M. C. Monteiro, Trad.). In *Barreiras autistas em pacientes neuróticos* (pp. 127-136). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1987)

Winnicott, D. W. (2000). Psicose e cuidados maternos (D. Bogomoletz, Trad.). In *Textos escolhidos da pediatria à psicanálise* (pp. 305-315). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1952)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 22/09/2021

Aceito em: 01/02/2022

Diva Aparecida Cilurzo Neto  
Endereço: Alameda Franca, 267/ 92  
01422-000 – São Paulo – SP – Brasil  
E-mail: dilurzo@terra.com.br